

Fundamentalismo Religioso e Antifeminismo: O movimento Mulheres com Bolsonaro (MCB) e sua atuação no ciberespaço

Victoria Vicente Rodrigues Lopes¹
Nilton Abranches Júnior²

Resumo: O fundamentalismo religioso no Brasil como ação politizada cresce com entrada dos evangélicos na política. Estes vem mantendo postura reacionária ao debate de gênero e as políticas públicas destinadas às mulheres, a comunidade LGBTQIAPN+, negros e povos originários. Sob a imagem de um governo guiado pelos valores cristãos e em defesa da família tradicional, o movimento “Mulheres com Bolsonaro” surge em 2018 no Facebook, fazendo oposição ao “Mulheres unidas contra Bolsonaro”. Entendemos que as pautas antifeminista está embasada no discurso fundamentalista religioso que atua docilizando o corpo feminino e conferindo-lhes papéis de gênero que foram histórica e culturalmente enraizados pelo patriarcado. Para isto, realizamos uma revisão bibliográfica visando construir uma discussão sobre o Fundamentalismo religioso e a construção de papéis de gênero. Entendemos que o ciberespaço promoveu essas discussões no Brasil, para isso utilizamos as redes sociais para o processo de investigação dos grupos antifeministas no Facebook e sua atuação nas redes. O objetivo deste artigo consiste em expor esses discursos, em uma tentativa de compreender como ocorre o controle e a dominação do corpo feminino pelos fundamentalista.

Palavras-chave: Fundamentalismo Religioso; Antifeminismo; Ciberespaço.

¹ Doutoranda no Programa de Pós – Graduação em Geografia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. lopesvvr@gmail.com.

² Doutor em Geografia pela UFRJ. Professor vinculado ao Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. niltonabranches@yahoo.com.br.

As interações e relações no ciberespaço estão mais e mais integradas às práticas sociais e culturais, considerando que redes criam novas formas de comunicação que moldam a vida, oferecendo infinitas possibilidades, inclusive de agrupar sujeitos por afinidades, ideologias, pensamentos, tribos. Dessa forma, consideramos o ciberespaço um local privilegiado para favorecer e desenvolver a manifestação de ideias, opiniões, crenças e convicções políticas. As novas dinâmicas sociais e culturais, de acordo com Lima (2017), possibilitam à religião o acesso à diferentes mídias que venham possibilitar diferentes maneiras de acesso ao sagrado. Dessa forma, ao invés de perder espaço com as conquistas sociais da Modernidade, a religião e suas tradições estão adequadas às condições da Hipermodernidade e, ao aceitar as possibilidades de alcance das redes sociais, a religião passa a dominar e controlar os fiéis virtualmente. De forma crescente e complexa, o ciberespaço tornou-se, segundo Silveira (2014), um campo no qual as religiões e os fenômenos religiosos expressam pertencças, credos religiosos e políticos. Verificam-se postagens das redes sociais de diversas origens e conteúdo em torno de muitos temas, inclusive de fundamentalismo religioso.

Este artigo faz parte de pesquisa de doutorado ainda em andamento, entendemos que o tema é deveras complexo e carece de análises mais extensas. Apresentaremos aqui as discussões que surgem das nossas inquietações enquanto pesquisadores e que nos guiam no caminho de construção teórica sobre este tema. Desta maneira, esse estudo está organizado em quatro partes: 1 – o que é fundamentalismo religioso?, 2 – Papel de gênero no fundamentalismo religioso, 3 – O papel do ciberespaço na propagação de discursos fundamentalistas e 4 – Mulheres com Bolsonaro (MCB) e a sua atuação nas redes.

Na primeira parte, “o que é fundamentalismo religioso?”, visamos apresentar uma discussão bibliográfica sobre o termo fundamentalismo religioso, seu funcionamento e seus pilares de sustentação. Para isto, as contribuições dos autores a seguir foram essenciais: da especialista em história das religiões, a inglesa Karen Armstrong (2009); a Prof. Dr^a em Ciências da Religião Sandra Duarte de Souza (2004),

a Filósofa brasileira Marilena Chauí (2006), a Dr^a em comunicação Magali do Nascimento Cunha (2020) e, o Teólogo Ricardo Quadros Gouvêa (2008; 2021). Esta primeira parte se encontra dividida em uma seção, “O fundamentalismo na política brasileira”, a qual tratamos sobre o fundamentalismo no cenário brasileiro, buscando entender como o conservadorismo fundamentalista tem atuado nacionalmente e sobre quais característica. Para isto, contamos com as contribuições teóricas do Historiador e Cientista Político brasileiro Joanildo Burity (2018), do antropólogo brasileiro Ronaldo de Almeida (2019), a filósofa brasileira Suely Rolnik (2018) e da cientista política estadunidense Wendy Brown (2019).

Na segunda parte deste artigo, “Papel de gênero no fundamentalismo religioso” realizamos uma breve investigação dos papéis estabelecidos a mulher pela bíblia, desta maneira o utilizamos a versão online da Bíblia sagrada (<https://www.bibliaonline.com.br/acf>), na tradução mais antiga e conhecida no Brasil do Pastor Protestante João Ferreira de Almeida. Contamos com as contribuições essenciais do Sociólogo francês Pierre Bourdieu (1998; 2012) e do filósofo francês Michel Foucault (1987). Na terceira parte “O papel do ciberespaço na propagação de discursos fundamentalistas” buscamos apresentar o ciberespaço como uma dimensão da realidade e seu papel fundamental para a circulação de discursos fundamentalistas. Para isto, contamos como referencial teórico o filósofo e sociólogo francês Pierre Lévy (1999), o Geógrafo Guilherme Carvalho da Silva (2013) e do Mestre em Direito e Sociedade da Informação André Faustino (2018).

Por fim, em “Mulheres com Bolsonaro (MCB) e a sua atuação nas redes” tivemos em vista apresentar o surgimento do movimento em um contexto de ebulição de pautas conservadora no Brasil. Desta maneira, apresentaremos o contexto de formação do MCB, quem são as mulheres que gerenciam o grupo nas redes, as regras de funcionamento do grupo, que mulheres essas apoiadoras têm como referencial e as pautas por elas discutidas no ciberespaço. Essa investigação virtual exigiu um tempo de preparo para a construção de perfil falso baseado nas características adequadas para

compor o grupo, isto é, foi preciso criar o perfil de uma mulher cristã e bolsonarista. Até houve a tentativa de utilizar o perfil pessoal, mas foi rapidamente bloqueado por não estar nos padrões no grupo. A partir disso, realizamos pesquisas nos perfis das administradoras e moderadoras visando criar uma imagem de quem controla essas redes e quais são suas motivações pessoais. Posteriormente, buscamos pelas postagens as mulheres que eram mais evidentes nas discussões do grupo e o motivos delas serem mais representativas para as integrantes e por fim, para apresentar as pautas, apresentamos imagens de comentários e postagens que sintetizavam os assuntos mais em voga no grupo.

O que é Fundamentalismo?

Karen Armstrong (2009) em sua obra *Em nome de Deus*, faz um extenso trabalho de estudar as origens do fundamentalismo religioso nas três principais religiões monoteístas. Conforme explica a autora, o secularismo, isto é, a crítica moderna à religião a partir do processo de laicização dos Estados, era uma tendência irreversível, acreditando-se que a partir desse momento a fé jamais iria desempenhar papel relevante na história. Sobre isto, Marilena Chauí (2006) explica que a Modernidade visou controlar a religião, transferindo-a sua atuação no espaço público para um âmbito privado, isto é, uma religiosidade para o interior da consciência individual.

O afastamento das igrejas e o alojamento da religiosidade no interior das consciências individuais, deram origem à racionalidade de mercado. Essa racionalidade provoca e satisfaz as preferências individuais, nisto o indivíduo é reduzido à figura de mero consumidor, sendo este tão descartável quanto ao produto que consome. Além disso, opera pela exclusão econômica e social, produzindo disparidades por todos os lugares. O capital financeiro introduz uma entidade mística, a “riqueza virtual” que se realiza como compra, venda e disputa, não se referindo a coisas e a acontecimentos, mas a signos virtuais sem realidade alguma. O Estado neoliberal diminui os serviços e bens

públicos, canalizando a quase totalidade dos recursos para atender ao capital. Dessa forma, a exclusão econômico-social, a miséria, o desemprego levam a desigualdade e a injustiça sociais ao seu máximo. De acordo com Chauí (2006), esses fatores criam uma condição de insegurança, provocando o ressurgimento do fundamentalismo religioso não apenas como experiência pessoal, mas também como interpretação da ação política.

Levando isso em consideração, é preciso compreender o que seja o fundamentalismo. Segundo Armstrong (2009), os protestantes americanos (identificavam com a interpretação literal da bíblia e a aceitação de doutrinas fundamentais) foram os primeiros a utilizarem o termo no início do século XX, para se diferenciar dos protestantes mais liberais (acusados de distorcer a fé cristã). Na América Latina, a partir dos anos de 1980, com a ascensão dos grupos pentecostais, o termo é retomado para classificar posturas intolerantes, fanáticas em relação à cultura secular e, para idealizar o passado e uma reconstrução de ordem moral (Cunha, 2020). É importante enfatizar que o fundamentalismo se trata de algo dissimulado em todas as culturas, explicitamente religiosas ou não, mas que se torna aparente quando os seus preceitos e verdades são de alguma forma abaladas, podendo ser reacionários ou progressistas (Prazeres, 2021). Para Gouvêa (2008; 2021), o fundamentalismo religioso é alicerçado em três pilares que são ligados uns nos outros de forma inseparável: o sectarismo, o legalismo e o dogmatismo.

O sectarismo seria o isolamento da igreja da vida em sociedade, tendo como consequência uma alienação de seus membros que se tornam alheios a cultura e aos problemas sociopolíticos do país. O sectarismo nasce de duas fontes: inicialmente pelo sentimento de que a Modernidade iria causar o colapso da cosmovisão, afetando diretamente o sistema religioso e, em segundo lugar, nasce do medo natural causado pela sensação de exclusão cultural diante aos avanços trazidos pela ciência. Também apontando a questão do medo a partir de Espinosa, Chauí (2006) acredita que o medo é a causa que origina e alimenta a superstição, é através dele que o homem se deixa dominar esperando que a religião afaste o medo e aumente a esperança. Outro pilar

apresentado por Gouvêa (2008; 2021) é o legalismo, este constitui-se nas regras de conduta para o cumprimento da lei de Deus. Tais propostas de condutas buscam gerar sentimentos de pertencimento e de identidade, ou seja, por meio da homogeneização busca-se facilitar o controle das pessoas pelos dos líderes religiosos. Já o dogmatismo, o último pilar, é a absolutização dos dogmas, estabelece o sistema de doutrinas como inquestionáveis. Conforme o autor, o dogmatismo impede que os preceitos que sustentam o sectarismo e o legalismo sejam questionados, gerando o encapsulamento do grupo, impedindo o diálogo com a sociedade e a cultura.

A Bíblia, de acordo com Prazeres (2021), tem sido tomada como “fundamento” para um tipo de fundamentalismo específico, o fundamentalismo bíblico, se caracterizando pela exaltação das escrituras e sua interpretação literal. Essa questão pode ser vista com a publicação da coletânea *The fundamentals: a testimony to the truth* de Reuben A. Torrey em 1910 – 1915. Conforme explica Cunha (2020), a coletânea apresentava textos sobre a inerrância bíblica, doutrina segundo a qual, em sua forma original, a Bíblia está totalmente livre de contradições, incluindo suas partes históricas e científicas. Neles podem ser identificado uma resistência às teorias científicas e a prevalência de uma perspectiva de uma moral bíblica que somente aceita o modelo de família tradicional nos padrões da heteronormativo, no qual toma a mulher como submissa ao homem. O discurso religioso é cristalizado, sendo visto como a palavra do próprio Deus, “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar” Mateus 24:35. De acordo com Silva (2013a), a base religiosa que decorre desses discursos dá margem para a produção e reprodução da violência de gênero. Ela confere ao homem a legitimação de dominar a mulher, assim como, segundo Cunha (2020), de censurar e estigmatizar de toda expressão e identidade LGBTQIAPN+ que não estejam no padrão homem e mulher.

O Fundamentalismo na política brasileira

Após a Segunda Guerra Mundial, o fundamentalismo acompanha a expansão capitalista estadunidense se internacionalizando e penetra no protestantismo latino-americano, principalmente entre as camadas mais populares através da atuação de quatro grupos: as igrejas evangélicas, a igreja católica, ONGs/movimentos populares e o narcotráfico (Cunha, 2020). A forma atual do conservadorismo latino-americano expressa-se pela coalização política de grupos cristão e está relacionada a uma temporalidade marcada pelos avanços feministas, principalmente os direitos reprodutivos, e o direitos das pessoas LGBTQIAPN+ (Biroli; Vaggione; Machado, 2020). Atualmente na política brasileira é visível uma crescente onda conservadora de extrema-direita.

Sobre a atuação dos evangélicos na política, Burity (2018) explica que os evangélicos abandonam sua posição de comodidade e assumem um perfil que confronta os direitos das minorias, articulando essa agenda moral com posições ultraliberais de economia. A partir de 2011, pautados num discurso moralista e de anticorrupção, assim como de rejeição petista e anticomunista, os grupos evangélicos se articulam a setores de extrema-direita. Em 2011, Jair Bolsonaro, como deputado do PSL, juntamente com o deputado Marcos Feliciano, do PODE, tiveram atuação importante para o bloqueio do Programa do MEC “Escola sem homofobia”. Bolsonaro também mandou seus funcionários distribuírem 50 mil panfletos na saída do metro de Copacabana – RJ, chamando atenção dos chefes de família para a frase: “Querem, na escola, transformar seu filho de 6 a 8 anos em homossexual!!”, ainda disponibilizava um link para que direcionava para uma cartilha do que seria o “Plano Nacional da vergonha”, ironizando o Plano Nacional de promoção da cidadania e direitos humanos LGBT. O discurso do Kit Gay ainda retornaria em 2018 durante a campanha eleitoral, quando Bolsonaro aponta seu concorrente Fernando Haddad como o criador do material, proliferando uma série de Fake news sobre o material inexistente nas redes sociais e nas mídias.

Em 2018, a candidatura de Jair Messias Bolsonaro para as eleições presidenciais materializava o projeto cristão-conservador de centralidade do poder. Conforme explica Ronaldo de Almeida (2019), a campanha de Bolsonaro já vinha sendo montada, criando um vínculo com o segmento cristão. O apoio das lideranças religiosas a Bolsonaro foram fundamentais para os eleitores evangélicos migrarem ou reforçassem seus votos no candidato indicado pelos pastores. Desta maneira, as lideranças religiosas indicaram aos seus fieis que Bolsonaro era o candidato que estava alinhado com os valores e as causas cristãs, isto é, o representante de sua cosmovisão e defensor da família, pouco ou nada lhe interessando temas progressistas. “Bolsonaro abraçou a pauta dos costumes, articulando-se, de um lado, com uma base parlamentar evangélica e, por outro, com o eleitor evangélico, que sempre foi sensível às questões relativas ao corpo e aos comportamentos” (Almeida, 2019, p.205).

Entendemos que os discurso fundamentalistas pró-família é somente a camada visível de todo um projeto econômico-social mais amplo de impor uma heteronormatividade. Sobre esta questão, Suely Rolnik (2018) em *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*, aponta sobre a ascensão de forças conservadoras na atualidade e sua relação com o Neoliberalismo. Assim como Rolnik, Wendy Brown (2019) também análise o cenário do conservadorismo no Ocidente e a ascensão de políticas antidemocráticas em *Nas ruínas do Neoliberalismo*, focando no contexto Trumpista nos EUA. Os ataques neoliberais à sociedade e à justiça social nas últimas décadas tem sido mais frequentemente associado a projetos para dismantelar e degradar o estado de bem-estar em nome de indivíduos livres e responsáveis. "Se não existe tal coisa como a sociedade, mas apenas indivíduos e famílias orientados pelo mercado e pela moral, então não existe tal coisa como um poder social que gera hierarquias, exclusão e violência, tampouco há subjetividade nas condições de classe, gênero ou raça" (Brown, 2019, p.53).

Desta maneira, concordamos com a autora que tal discurso colabora para ocultar as normas e desigualdades sociais geradas pelo sistema, assim como é efetivo para

privar direitos e permite ataques em nome da liberdade. Assim como Rolnik (2018), entendemos que o neoliberalismo e os neoconservadorismo compartilham de um mesmo objetivo, “destruir todas as conquistas democráticas e republicanas, dissolver seu imaginário e erradicar da cena seus protagonistas” (Rolnik, 2018, p.100). Conforme a autora, a subjetividade desses neoconservadores é profundamente de cunho classista e racista. Brown (2019) também compartilha dessa opinião e aponta que essas masculinidades brancas, feridas e ressentidas, buscam uma imagem de um passado no qual as minorias sabiam seus lugares e sua branquitude era sinônimo de identidade e poder.

A arrogação perdida dos privilégios da branquitude, masculinidade e nativismo é então facilmente convertida em ira justificada contra a inclusão social e a igualdade política dos historicamente excluídos. Essa raiva, por sua vez, torna-se a expressão consumada da liberdade e americanidade, ou da liberdade e europeidade, ou da liberdade e o Ocidente (Brown, 2019, p.58).

A família é o ponto de encontro principal entre as pautas neoliberais e neoconservadoras, esta atua como uma rede de proteção, um reservatório de disciplina e uma estrutura de autoridade. Considera-se a família como uma barreira em relação aos excessos da democracia providos pelo Estado Social (Brown, 2019). O familismo, segundo Rejane Hoeveler e João Victor Cardoso (2022), atribui uma ideia conservadora de família, aquela dos moldes tradicionais e heteronormativos, assim como atribui a ela uma responsabilidade da sobrevivência do indivíduo, preferencialmente necessitando de pouca intervenção do Estado e de políticas públicas. Dessa maneira, entendemos que o discurso do familismo aliado a uma ótica neoliberal colabora para manutenção de padrão de família e evoca a manutenção de papéis de gênero culturalmente estabelecidos pelo patriarcado.

Papel de gênero no Fundamentalismo Religioso

Silva (2013) aborda que nossa identidade de gênero foi construída historicamente com base em uma tradição patriarcal e de opressão das mulheres. De acordo com Gouvêa (2008) os fundamentalismos dão continuidade a estas práticas, possuindo uma relação negativa com o movimento de emancipação das mulheres e seus direitos civis.

O discurso fundamentalista continua hoje a recomendar e sustentar o patriarcalismo, rejeitando o feminismo e a emancipação feminina como malignos e maléficos para a sociedade humana, negando à mulher o direito à ordenação ao oficialato em instituições religiosas, o direito a realizar se profissionalmente e, em alguns casos extremos, até mesmo o direito ao estudo universitário profissionalizante, rejeitando o divórcio como alternativa lícita para a busca da felicidade e realização pessoal, e propondo que a felicidade das mulheres, mesmo na sociedade contemporânea, está em aceitar a condição de esposas e de mães (entenda-se, mães casadas), e de auxiliares dos homens, sempre submissas e sujeitas a eles (GOUVÊA, 2008, p. 17,18).

Seguindo a mesma linha de pensamento, Souza (2004) aponta que a religião possui papel importante na produção e reprodução simbólica das relações sociais de sexo. Para entender as representações de gênero, é preciso considerar a religião como um fator de construção essencial.

Nessa perspectiva, apresentando as construções de gênero pautadas na Bíblia, o primeiro homem criado foi Adão, responsável por nomear todos os seres criados por Deus, inclusive o nome da mulher que seria formada a partir de sua costela. Eva é criada para ser auxiliadora e para fazer companhia para Adão que se sentia só: "E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele" Gênesis 2:18. Nessa visão, o homem é tido como o dominador, ativo e cuidador da terra, enquanto a mulher é tida como algo que pertence ao homem e lhe deve assistir em suas tarefas, estabelecendo papéis em uma hierarquia de dominação clara. A tradição religiosa, pautada na Bíblia, ainda conferiu à mulher a culpa pelo pecado que levou à

queda do homem e a sua conseqüente expulsão do paraíso. Essa questão pode ser vista em Gênesis 3:12, quando questionado por Deus, Adão diz: “A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi”. Como consequência, em Gênesis 3:16, Deus castiga a mulher, declarando: "E à mulher disse: multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará".

Dessa forma, podemos verificar os papéis destinados às mulheres, primeiramente o papel de transgressora, mas que possui salvação, representado por Eva em I Timóteo 2:14-15 “E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação”. Outro papel conferido é o de subordinada em I Timóteo 2: 11 – 12 “A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio” e, o papel de esposa submissa que é auxiliadora e companheira de seu esposo que, também pode ser encontrada em Efésios 5:22-24 “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos”.

Assim, a delimitação dos papéis de gênero baseados no fundamentalismo religioso cristão tem forte influência na normalização de práticas que atentam para a subordinação das mulheres ao sistema patriarcal e pelo controle das ações, e também do corpo feminino. As estruturas de dominação, segundo Bourdieu, resultam de um trabalho histórico de reprodução, por meio de violência física e violência simbólica, através da atuação de instituições como a família, Igreja, Escola, Estado. Nesse processo,

o dominado não pode deixar de conceder ao dominante quando ele não dispõe, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em

comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem essa relação ser vista como natural (BOURDIEU, 2012, p.47).

Sendo assim, entendemos a religião e a Igreja como um agente disciplinador do corpo feminino. A disciplina, de acordo com Foucault (1987), é interiorizada, sendo esta exercida fundamentalmente por três meios globais absolutos: o medo, o julgamento e a destruição. Por meio das técnicas disciplinares, os corpos são submetidos a um conjunto de dispositivos de poder e de saber, baseados na vigilância permanente, na normalização dos seus comportamentos e na exposição a exames. As instituições como escolas, fábricas, hospitais e, também no caso da Igreja, cumprem papel fundamental na implementação desses mecanismos, visando tornar os indivíduos dóceis. O papel da mulher, historicamente, sempre esteve atrelado ao da família, passando por um processo de docilização que tende a enquadrá-la no discurso da “mulher bela, recatada e do lar”, discursos estes que desde sua infância são reproduzidos nas igrejas. Dessa forma, a mulher é ensinada desde muito cedo a ser uma boa esposa e uma boa mãe, a cuidar da casa e dos afazeres domésticos. Saindo-se bem em sua função, ela é considerada sábia, caso não, ela é julgada e culpabilizada pela ruína de seu lar, como pode ser verificado em Provérbios 14:1 “Toda mulher sábia edifica a sua casa; mas a tola a derruba com as próprias mãos”.

Essas características construídas pela moral cristã, em torno do feminino, de acordo com Farias (2011), além de negar à mulher outras possibilidades, possibilitam enclausurá-la no espaço doméstico, enquanto a esfera pública pertencia, exclusivamente, ao homem. Sendo assim, considerando as proposições de Foucault (1987) sobre corpos dóceis, isto é, um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado, consideramos a mulher como um corpo docilizado pela religião. Com isso em vista, de acordo com Gouvêa (2008), podemos encontrar no fundamentalismo, sistemas coercitivos internalizados que ajudam

a explicar por que as mulheres, em ambientes fundamentalistas, tendem a renunciar à luta por seus direitos e de suas conquistas socioculturais.

Para Louro (1997), o movimento feminista tem sido uma das maiores contribuições para a desconstrução dos papéis de gênero, possibilitando a compreensão e a inclusão de diferentes formas de masculinidade e feminilidade. Por esse motivo, mulheres feministas são constantemente atacadas por alguns líderes religiosos que, em suas concepções, as mulheres só devem conhecer e agir consoante o considerado adequado. Por esse motivo, a mulher independente é vista como pecadora, uma vez que essa rejeita o homem como o chefe da família e não aceita o próprio criador que concedeu tais papéis.

O papel do ciberespaço na propagação e de discursos Fundamentalistas

A sociedade, hoje, vivencia as modificações propiciadas pelos avanços tecnológicos e científicos, ressignificando as noções de tempo e espaço. Os obstáculos espaciais, que anteriormente seriam de difícil transposição, hoje podem ser instantaneamente ultrapassados por meio das redes de comunicação e pela internet a qualquer hora do dia e a qualquer distância. O ciberespaço, conforme o Filósofo Francês Pierre Lévy (1999), teve a sua origem a partir da interconexão da rede global de computadores e representou um novo meio de comunicação que permite relações que independem do tempo e de um espaço concreto. Define ciberespaço como o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e da memória dos computadores” (Lévy, 1999, p.92), composto por uma infraestrutura material, ele abrange também os usuários das redes, as informações e dados por estes compartilhados.

A luz da Geografia, compartilhamos da concepção de ciberespaço de Guilherme Silva (2013), concebido como uma dimensão da realidade complexa construída pela sociedade a partir de sua relação com a natureza. Isto é, “estudar o ciberespaço é estudar

a questão das técnicas, enquanto elemento cultural de intervenção no espaço e ponte entre o humano e o natural” (Silva, 2013, p.46). Silva formula sua concepção de ciberespaço baseando-se nas formulações do Geógrafo Milton Santos (2002) sobre a produção do espaço pelo homem a partir da técnica. "As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço" (2002, p.29). Desta maneira, torna-se necessário entender que o ciberespaço constitui uma dimensão da realidade, "ele não inaugura uma nova realidade, ele amplia o espaço da realidade que é única, potencializando o humano que o constitui" (Silva, 2013, p.47).

A circulação da informação digital tem hoje um alcance gigantesco com a disseminação das redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Telegram* e *WhatsApp*. O desenvolvimento de aparelhos *smarts* e a possibilidade da conexão na palma da mão, permitiu a criação de espaços virtuais e de recursos infinitos para a divulgação e produção de notícias, textos e conteúdos multimídias diversificados. A infinitude das possibilidades do ciberespaço cria um sentimento de liberdade aos seus usuários. Isto, associado a volatilidade das informações e a pouca preocupação com as fontes e veracidade de notícias, cria um espaço oportuno para a disseminação de desinformação, isto é, *Fake News*, assim como se cria um espaço propício para testar os limites da liberdade de expressão (Faustino, 2018).

Faustino (2018) apresenta cinco características das redes sociais que propiciam a criação e divulgação de *Fake News*: 1 - Aglutinação de pessoas vinculadas por problemas e interesses em comum, principalmente na forma de comunidades, grupos, canais e fóruns; 2 - Exposição da vida recortada/mascarada, uma espécie de espetacularização do conteúdo para garantir sua visibilidade; 3 - Individualismo em rede, mesmo em um ambiente que estimula a interação coletiva; 4 - Criação e difusão de informação através das conexões entre os atores e, por fim, 5 - Criação de perfis falso. A virtualização das relações sociais e a não necessidade de contato físico com os outros usuários dos ambientes virtuais dispensa a subjetividade e empatia demandada numa

interação cara a cara. “Esse tipo de relação estabelecida no interior das redes sociais vai refletir as suas principais características, principalmente, a superficialidade, a falta de compromisso em ter reciprocidade com outro e a espetacularização da vida no seu interior” (Ibidem, 2018, p. 52).

As novas dinâmicas sociais e culturais, de acordo com Lima (2017), possibilitaram à religião o acesso à diferentes mídias e diferentes maneiras de acesso ao sagrado. Dessa forma, ao invés de perder espaço com as conquistas sociais da Modernidade, a religião e suas tradições se adéquam às condições da Hipermodernidade e, ao aceitar as possibilidades de alcance das redes sociais, a religião passa a dominar e controlar os fiéis virtualmente. Através da instalação de um pânico moral nas redes, principalmente se utilizando de *fake news*, esses grupos fundamentalistas, propagam um discurso em prol da família tradicional, antigênero e anticomunista.

Nas eleições de 2018, o instituto Datafolha disponibilizou os dados de pesquisa sobre os eleitores e suas relações com as redes sociais. Realizada em 2 de outubro, contou com a participação de 3.240 eleitores com 16 anos ou mais em 225 municípios brasileiros. Nesse levantamento, os eleitores de Jair Bolsonaro tiveram índice mais alto de usuários de alguma rede social: 81%, enquanto os eleitores de Fernando Haddad tiveram índice de 59%. Segundo o Datafolha, entre os eleitores de Bolsonaro também são mais altas as taxas de leitura de notícias sobre política e eleições no *WhatsApp* (57%) e no *Facebook* (61%), e o compartilhamento de notícias. Tais dados demonstram o potencial das redes sociais em influenciar o cenário e a mobilização política de um país.

De forma crescente e complexa, o ciberespaço tornou-se, segundo Silveira (2014), um campo nas quais as religiões e os fenômenos religiosos expressam pertenças, credos religiosos e políticos. Verificam-se postagens nas redes sociais de diversas origens, assim como conteúdo em torno de muitos temas, inclusive de fundamentalismo religioso. As redes sociais, dessa maneira, amplificam e problematizam diversas questões relacionadas à sociedade. Com isto, é possível

encontrar usuários que transitam aleatoriamente em diversas crenças e até mesmo, entre aquelas contraditórias ou conflitantes entre si, como o movimento “Mulheres com Bolsonaro”. Mesmo com declarações fundamentalistas, inclusive em relação às mulheres, Jair Bolsonaro foi eleito presidente da república no segundo turno das eleições, tendo o extensivo apoio de mulheres conservadoras. Compactuando com o pensamento fundamentalista, essas mulheres conservadoras aceitam o papel destinado para elas dentro desse sistema religioso e reproduzem os princípios do patriarcado, compreendido por Silva (2009) como um sistema de relações hierarquizadas, onde ocorre a supremacia masculina sobre a feminina em diversos aspectos da vida social. Partimos da hipótese que a religião, mesmo destinando um papel subalterno, permite que a mulher atue politicamente, quando for para defender os princípios fundamentalistas. A seguir trataremos mais especificamente do Movimento Mulheres com Bolsonaro.

Mulheres com Bolsonaro (MCB) e a sua atuação nas redes

A conjuntura que se desenvolveu no Brasil pós-golpe de 2016 abriu espaço para o crescimento de percepções sexistas com a ascensão de grupos conservadores e de extrema-direita na política brasileira. Estes pensam em um enfrentamento direto aos grupos feministas pautado num posicionamento moralista e conservador quanto a posição da mulher na sociedade (Aguiar e Pereira, 2019). Em consonância como o cenário antifeminista, surge em 2018 o movimento “Mulheres com Bolsonaro” (MCB) em oposição ao movimento “Mulheres unidas contra Bolsonaro” (MUCB), conhecido pela mobilização que ficou marcada pelo jargão “Ele não”. Já o MCB reúne apoiadoras do governo e da figura de Jair Messias Bolsonaro. O movimento em questão possui diversos grupos no *Facebook* que levam o mesmo nome, sendo o “Mulheres com Bolsonaro (OFICIAL)” o mais expressivo em números, composto por mais de 1 milhão de mulheres.

O grupo bolsonarista no *Facebook* é privado, sendo somente permitida a entrada de mulheres alinhadas ao projeto e as pautas do governo. Levando isto em consideração, foi preciso criar um perfil *fake* para ter acesso ao espaço virtual de discussão desse movimento. Entendemos o MCB, como um movimento que apoia causa contraditórias a seu gênero, dado que é composto por mulheres que apoiam ideias que limitam os próprios direitos, se considerando e levantando bandeiras antifeministas. No entanto, também entendemos que as pautas antifeminista está perpassada e embasada pelo discurso fundamentalista religioso que atua docilizando o corpo feminino e conferindo-lhes papéis de gênero que foram histórica e culturalmente enraizados pelo patriarcalismo.

Figura 1 – Biografia do grupo “Mulheres com Bolsonaro (OFICIAL)”

Sobre	Biografia até outubro/2021	Sobre	Biografia até janeiro/2023
	<p>Grupo feito pra mulheres de fibra e coragem que não precisam do feminismo e defendem o Capitão Bolsonaro pra presidente do Brasil!!! Por um Brasil melhor, é BOLSONARO PRESIDENTE!!! #MudaBrasil #MudaDeVerdade #MulheresComBolsonaro #BolsonaroPresidente</p> <p>Privado Somente membros podem ver quem está no grupo e o que publicam.</p> <p>Visível Qualquer pessoa pode encontrar o grupo.</p> <p>Ver histórico do grupo Grupo criado em 11 de setembro de 2018. Nome alterado pela última vez em 17 de janeiro de 2019.</p>		<p>MAIOR GRUPO EXCLUSIVAMENTE FEMININO EM APOIO AO PRESIDENTE BOLSONARO. Desde 2018, em resposta ao EleNão. Nascemos da vontade de eleger um governo honesto e conservador, com as pautas de defesa dos alicerces da sociedade ocidental. DEUS, PÁTRIA, FAMÍLIA E LIBERDADE! Somos a resposta aos que disseram que mulher não apoia o Capitão. NINGUÉM SOLTA A MÃO DO JAIR!!! Estamos juntas ao Presidente até o fim!!! Brasil acima de tudo! Deus acima de todos!! Ver menos</p> <p>Privado</p>

Fonte: Retirado do Grupo Privado do Facebook

Na Figura 1 acima estão representadas as biografias que o grupo MCB teve até janeiro de 2023. Na primeira biografia, que vigorou até outubro de 2021, lendo pelas entrelinhas, apela para o senso comum do que seja “mulher de fibra”, isto é, a concepção de uma mulher determinada que possui uma força interior e coragem para enfrentar os obstáculos. E justamente por ser de fibra, não precisam do feminismo para orientar o que uma mulher pode ou não ser, até porque ser feminista, no senso comum, é

renunciar aos valores da família e do papel sagrado dessas mulheres como rainhas do lar. Percebemos uma papel ativo dessas figuras femininas em defender o Capitão Bolsonaro, isto é, atuam como heroínas defendendo o projeto do governo e uma visão de mundo conservadora. Mas, ao mesmo tempo, assumem papel de submissão, pois quem atua é o Capitão, aquele que no militarismo é quem comanda os soldados, aquele que ordena e instrui. É a essa figura que acreditam que a nação deveria ser entregue, para que se pudesse reestabelecer a ordem, como apontado na segunda biografia vigorada até janeiro de 2023.

A mudança de biografia ocorre em meio ao período de campanha eleitoral, onde Bolsonaro tentava a reeleição concorrendo com o candidato Luiz Inácio Lula da Silva em 2022. O trecho da segunda biografia deixa evidente o que os objetivos do governo estavam mais alinhados as aspirações fundamentalistas de imposição de seu sistema de crenças na sociedade. Em meio a um governo marcado por escândalos envolvendo esquemas de corrupção, descaso com a vida e com a saúde pública. Marcado pelo atraso na aquisição de vacinas que refletiu em mais de 700 mil mortos em consequência do Coronavírus, ainda se evoca um discurso de governo honesto, onde, cegos pela hipocrisia do conservadorismo, não admitem suas próprias falhas e o afastamento de suas crenças. Pecam invocando em vão o nome de Deus, para assegurar a própria vontade de ter o poder para si. São juízes de uma moralidade que não exercem e pregam uma liberdade só para si, liberdade de expressar seu ódio de ordem classista, racista e generificada.

O grupo conta com três administradoras e oito moderadoras, não as identificaremos nesta investigação, mas consideramos importante criar um perfil de quem controla e gerenciar esse movimento nas redes sociais. As administradoras possuem a função de gerenciar os membros, os moderadores, as configurações e as publicações do grupo. Já as moderadoras, estas gerenciam somente os membros e as publicações do grupo. Verificamos, a partir de visitas às redes sociais das administradoras e moderadoras do grupo MCB, que o controle e gerenciamento do

grupo é feito majoritariamente por mulheres brancas com idade média de 38 anos, evangélicas, mães e residentes das grandes metrópoles brasileiras, com uma concentração expressiva para a região sudeste. O estado civil das administradoras e moderadoras é bastante equilibrado, seis são casadas e cinco são solteiras. Sobre a profissão que exercem, somente conseguimos identificar que seis mulheres possuem ou buscam uma profissão. É importante abordar que alguns perfis no Facebook tinham as informações privadas, devido a isto não conseguimos dados mais claros, o que nos fez recorrer a outras redes sociais. Nesta busca por informações, notamos que essas mulheres são ativas no engajamento tanto no grupo quanto no seu perfil privado e, também, participam de atos e mobilizações realizadas nas ruas. Apresentam em suas redes discursos de ódio as minorias e discursos antidemocráticos e de apelo saudosista a ditadura militar. Este é o perfil das pessoas que gerenciam o grupo do Mulheres com Bolsonaro. Para compor o grupo é preciso seguir regras, as administradoras elaboraram dez regras de convivência:

- 1- É proibido o uso de hashtags (#) no grupo: a utilização do recurso no Facebook é considerada inútil para as administradoras, podendo acarretar bloqueio do grupo e da membro.
- 2- É proibido Fake News: visando proteger o grupo de denúncias, as administradoras orientam para verificar a fonte do conteúdo.
- 3- É proibido denunciar as postagens do grupo para o Facebook: orienta-se para a denúncia ser enviada para a moderação ou para a administração, pois a denúncia ao Facebook prejudica a existência do grupo em si.
- 4- É proibido bloquear a administração: o perfil do membro tem que ser público para as administradoras poderem controlar a qualidade do grupo, isto é, visa conter o acesso de pessoas infiltradas no grupo.
- 5- Proibição de xingamentos e palavras de baixo calão: visando proteger o grupo de eventuais bloqueios pela plataforma, as administradoras não toleram ofensas, xingamentos e preconceito de qualquer espécie.
- 6- Proibição de conteúdos violentos ou de cunho sexual: visa o banimento da membro que postar conteúdo violento ou sexual, visando manter um ambiente saudável e conservador.
- 7- Proibição de vendas, divulgações e propagandas: o grupo visa apoio ao presidente, desta forma, essa regra visa o “bom senso” nas postagens.
- 8- Proibição de postagens pessoais, repetidas e de baixo alcance: as administradoras postagens que não geram engajamento a fim de manter o interesse das membros e menos poluído de informação.

- 9- “O NOME DO GRUPO É MULHERES COM BOLSONARO OFICIAL”: não é exatamente uma regra, mas um lembrete a quem o grupo é destinado. A regra se coloca quando as administradoras removem quem comentar algo contra Bolsonaro.
- 10- Ser educada e gentil: as administradoras dizem não tolerar brigas e discussões no grupo, o grupo é somente para apoio e divulgação das ações do governo.

Tais regras evidenciam a constituição do grupo MCB como um ciberterritório delimitado pelo poder das administradoras e moderadoras. Estas regulam quem entrará no grupo (somente aquelas que se adéquam ao perfil mulher conservadora cristã), as publicações que serão postadas (passando primeiramente pelo crivo das moderadoras de conteúdo) e o tipo dessas postagens (se geram engajamento e o interesse das membros). Controlam a forma de interação no grupo, deixando claro que não é um espaço para debate de ideias, é somente um espaço de apoio e divulgação, não um espaço crítico da universidade. Ao nosso ver, o grupo do MCB reflete o espaço concreto habitado por essas mulheres, isto é, espaços conservadores onde não é permitido debater e questionar suas as regras e normas de funcionamento, principalmente aquelas impostas as mulheres. Desde muito tempo as mulheres são silenciadas, interiorizando que não podem manifestar suas revoltas, devendo ser sempre submissas, educadas e gentis. Mesmo em um grupo, onde deveria incentivar um debate e ponto de vistas diferentes, não é permitido criticar, somente obedecer. Ao entender que essas mulheres habitam em espaços conservadores, entendemos ser preciso abordar quem são as políticas ou mulheres consideradas representativas para esse movimento e, apontaremos também quais são as suas principais pautas de discussões e, principalmente, como essas pautas são sustentadas por discursos fundamentalistas religiosos.

Dentre as mulheres e políticas que ganharam visibilidade no governo Bolsonaro, selecionamos três que consideramos que tiveram maior destaque no cenário brasileiro, são estas: a Historiadora e Deputada Estadual (SC) Ana Caroline Campagnolo, a Pastora e Ex-Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do Brasil Damares Alves e a Ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro.

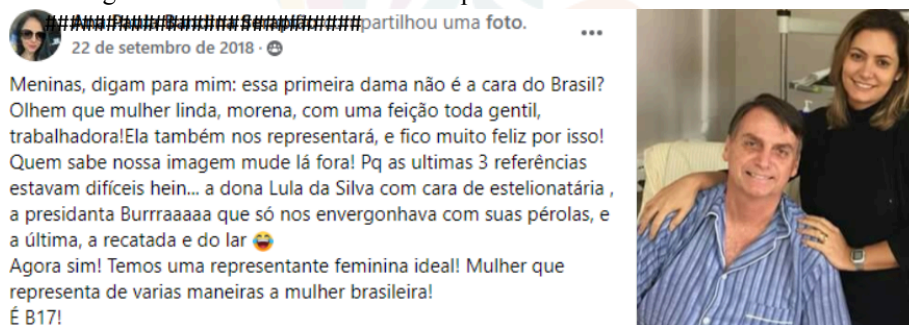
Ana Carolina Campagnolo, atual deputada estadual do PSL eleita por Santa Catarina, ficou amplamente conhecida após entrar com um processo contra sua orientadora de mestrado, alegando ser discriminada por ser antifeminista. A partir desse episódio, Campagnolo se insere no debate “Escola sem partido” onde ganhou visibilidade e apoio dos movimentos de extrema-direita. A deputada é considerada uma referência acadêmica por esses grupos reacionários e conta com publicações de livros antifeministas: *Feminismo: perversão e subversão* (2019), *Guia de bolso contra mentiras feministas* (2021), *Ensino domiciliar na política e no direito* (2022) e *O mínimo sobre feminismo* (2022).

Outra figura representativa para o MCB é a senadora Damares Alves. Ministra do Governo Bolsonaro na pasta do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos de 2019 até 2022. Damares ganha notoriedade sendo crítica a “ideologia de gênero” que segundo ela é sinônimo de morte de identidade. Destaca-se por frases polêmicas e sexistas como “Menino veste azul, menina veste rosa” proferidas na cerimônia de posse da ministra. Ela exclamava que se iniciava uma nova era no Brasil em que “menina será princesa e menino será príncipe”. Em outro momento cita que “A mulher nasceu para ser mãe, seu papel mais especial, e dizer que elas estão em guerra com os homens é uma lorota feminista”, reforçando um projeto de fortalecimento dos papéis de gênero como norte da pasta por ela assumida. Damares também destaca sua posição antifeminista, principalmente proferindo falas de uma concepção estereotipada sobre o feminismo, como: “Sabem por que elas (feministas) não gostam de homem? Porque são feias e nós somos lindas” declaradas em culto evangélico.

Por fim, Michelle Bolsonaro é uma figura feminina exemplo de esposa para as mulheres MCB. Considera exemplo de discrição e companheirismo, foi primordial para campanha presidencial de seu marido com fins de conquistar os votos femininos. Passou uma imagem de doçura e gentileza ao discursar em Libras durante a posse de seu “amado esposo”. Este ato que serviu como cena para desviar as acusações que colocavam o presidente como misógino e machista, já que deu espaço e a primeira fala

do discurso de posse a sua esposa. Por meio de Michelle, Bolsonaro, intitulado católico, atraiu votos dos setores cristãos, através de sua aproximação com as Igrejas Evangélicas ao acompanhar sua esposa nos cultos, o que levou muitos eleitores a acreditar que Bolsonaro era evangélico. De tímida e discreta, Michelle assumiu nova postura no período que Bolsonaro pleiteava as reeleições, Michelle, acreditavam os estrategistas, conseguiria mostrar um lado sensível de Bolsonaro. Em maio de 2022, Michelle se filia ao PL para intensificar seu apoio à reeleição de seu esposo e compartilhar de uma agenda de compromissos de campanha como gravações publicitaria, encontro com apoiadores, eventos, comícios e entre outros. A visão compartilhada no grupo MCB pode ser exemplificada na Figura 2 logo abaixo.

Figura 2 – Michelle Bolsonaro: a representante da mulher conservadora



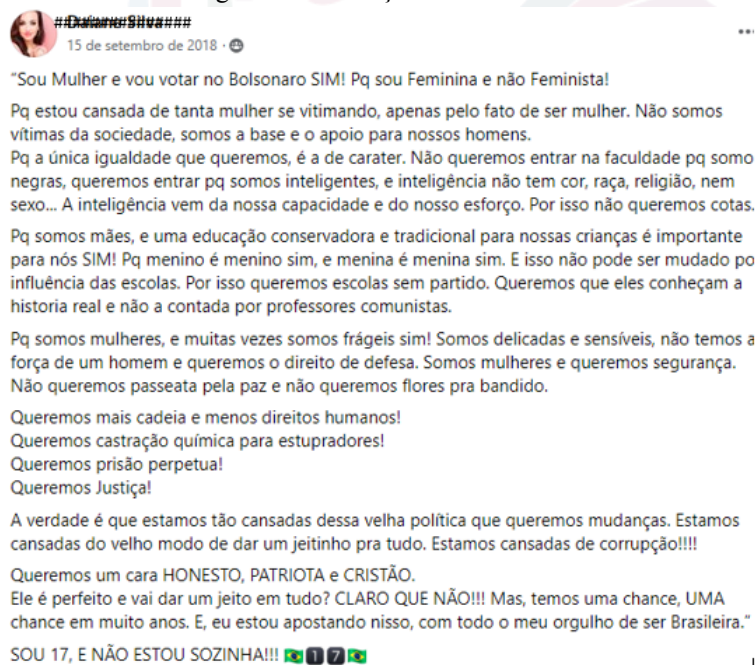
Fonte: Retirado do Grupo Privado do Facebook

Na imagem podemos ver um texto de uma componente do grupo juntamente com uma foto de Michelle e Bolsonaro. Na foto em questão, Bolsonaro compartilhou uma foto de que estava se recuperando da facada que sofreu durante um comício em 06 de setembro de 2018. Ao seu lado está sua Michelle, sorridente com a recuperação, transmitindo uma imagem de cuidado e amor para com o seu esposo. Reflete também uma imagem de simplicidade e beleza, já que a primeira-dama está em trajes neutros, sem excessos de maquiagem e de acessório. O comentário atribuído a imagem, aponta que Michelle é um exemplo de mulher e de esposa, enquanto estereotipa as outras

mulheres que representaram os governos anteriores. A Ex-primeira-dama, Marisa Leticia, acusada de ter aparência de estelionatária (seja lá o que isto significa); a Ex-Presidente, Dilma Rousseff, que sofreu com discursos sexistas, misóginos e machistas. Atacada principalmente sua capacidade intelectual e de preparo para o cargo de Chefe do Executivo e, por fim, a Ex-primeira-dama Marcela Temer, amplamente conhecida após a matéria da Revista Veja em 2016 por exaltar as características de “bela, recatada e do lar”. Desta maneira, a figura de Michelle é recebida pelas apoiadoras como uma mulher, sabia e abençoada e escolhida por Deus para partilhar da missão com o presidente Bolsonaro.

A partir dessas três mulheres, percebemos que as principais pautas do grupo são relacionadas ao antifeminismo e de combate as “ideologias de gêneros”. Sobre o discurso antifeminista, a figura apresenta um texto publicado por uma integrante do MCB que sintetiza os posicionamentos que podem ser encontrados em discussão no grupo.

Figura 3- Declaração Antifeminista



Fonte: Retirado do Grupo Privado do Facebook

Podemos perceber que se tem a concepção de que as mulheres (feministas) se vitimizam por não entender o seu papel estabelecido de apoiar os homens. Esse pensamento encontra respaldo bíblico em Gênesis 2: 18 com a criação de Eva, “Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda”. Sobre a vitimização, em seu livro antifeminista, partindo de uma concepção rasa e infundada, Campagnolo (2019) entende que as feministas reclamam de “barriga cheia”. Segundo ela, as mulheres conquistaram inúmeras facilidades em pouco tempo e em situações mais dignas que os homens submetidos a sistemas escravistas, isto é, se feministas reclamam de suas condições, é porque esquecem que os homens estão em condições piores.

Concebe-se que as mulheres são frágeis, delicadas, sensíveis e que não provem da mesma força masculina. Bourdieu (1998; 2023) ao aborda o processo de incorporação da dominação masculina, explica que “a arte de se fazer pequena” molda a figura da mulher para aparentar ser menor (inferior) ao homem. Isto impõe uma postura submissas de seus gestos, de seus corpos, de suas atitudes, mantendo as mulheres em um confinamento simbólico. Ao nosso ver, também cria a concepção de que mulheres são mais frágeis e fracas enquanto homens são mais fortes e resistentes, contribuindo para perpetuar a dominação masculina sobre a mulher. Compreendem o feminismo como um fenômeno de perversão das mulheres, “feminismo é um movimento político que contribui para o desentendimento e a crescente amargura entre os sexos, acelera a degradação familiar, induz à eterna insatisfação e à libertinagem sexual” (Campagnolo, 2019, p.33). Entendem que a fé cristã dignificou a mulher, enquanto as feministas e seu empenho em busca de libertação sexual e de seus corpos tem arruinado moralmente a imagem mulher. Desta forma, levando a um projeto de destruição da família, negligenciando a vida ao apoiar a descriminalização do aborto e se libertando do papel sagrado de esposa e mãe. Assim como entendem o feminismo, as mulheres

bolsonaristas entendem que a “ideologia de gênero” também é uma aliada nesse projeto de destruir a família.

Sobre o discurso cristãos e bolsonarista a respeito de “ideologia de gênero” entende-se por uma crítica a separação do sexo biológico da concepção de gênero, rechaçando a ideia de que o indivíduo constrói social e culturalmente a sua identidade de gênero. Consideram uma abominação ao que foi estabelecido por Deus em Gênesis 1:27 “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. Pelo viés bíblico, a concepção de gênero construída questiona e aponta imperfeições nas obras de Deus “Eu te louvarei, porque de um modo assombroso, e tão maravilhoso fui feito; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem. Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe; e no teu livro todas estas coisas foram escritas; as quais em continuação foram formadas, quando nem ainda uma delas havia” Salmos 139; 14 e 16. Para exemplificar tais concepções, a figura abaixo apresenta uma postagem sobre o que a escola deveria ensinar e o que na “realidade” vem acontecendo.

Figura 4 – Kit Gay e Ideologia de gênero

Ao invés de kit gay, tem que voltar Educação Moral e cívica, usar uniforme, cantar o hino nacional e disciplina nas escolas 🕶️🕶️



~~#####~~

Eles querem fazer deste país uma Sodoma e Gomorra , querem destruir as famílias , querem destruir o país moralmente , mas não vamos permitir quem define sexo é Deus, isso aí é aberração de jente que não tem cérebro!

Fonte: Retirado do Grupo Privado do Facebook

A postagem possui um cunho saudosista de quando a escola, como um espaço disciplinador, ensinava os princípios da moralidade e deveres patrióticos ao cidadão. Entendem que hoje, a escola forma “vagabundos e maconheiros”, comunistas e esquerdistas e confunde a cabeça das crianças em relação a sua sexualidade. É apontada

uma referência bíblica de que querem transformar o Brasil em uma Sodoma e Gomorra, cidades destruídas por Deus com fogo e enxofre vindos do céu, em decorrência da depravação de seus habitantes e pela forma com que transgrediram a Lei de Deus. “De modo semelhante a esses, Sodoma e Gomorra e as cidades em redor se entregaram à imoralidade e a relações sexuais antinaturais. Estando sob o castigo do fogo eterno, elas servem de exemplo” Judas 1:7 e “Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si o castigo merecido pela sua perversão” Romanos 1:27. Baseado em um discurso literal e descontextualizado da bíblia, as apoiadoras entendem haver um projeto de desmoralização do Brasil sendo executado pelos governos petistas.

Considerações Finais

Considerando o caminho teórico desenvolvido nesse estudo, entendemos que o discurso fundamentalista religioso se guia em visão cristalizada de seu livro sagrada que não condiz com o contexto e com a realidade diversificada do Brasil no século XXI. Em busca de tomar para si o poder, faz uso das conquistas das minorias (mesmo que poucas em relação ao longo caminho a percorrer) para pregar uma desmoralização do país, criando um pânico na população, majoritariamente considerada cristã. Desta forma, alinha-se ao neoliberalismo para somar forças a seu projeto teocrático, deixando evidente o cunho elitista, racista, machista e homofóbica desta idealização de mundo.

Nessa perspectivas, as mulheres docilizadas pelo fundamentalismo, recebem a missão de lutar com a desmoralização de seu próprio gênero. A religião atua naturalizando a subordinação das mulheres ao sistema patriarcal, tornando as tradições e convicções religiosas inquestionáveis. Dessa forma, o fundamentalismo religioso consegue exercer um domínio total sobre a mulher, a ponto desta se articularem de

maneira a defender um sistema de crenças que aprisiona, domina e controla seu corpo de diversas maneiras, tudo em prol da salvação da família tradicional.

Referências

AGUIAR, Bruna Soares de; PEREIRA, Matheus Ribeiro. O antifeminismo como backlash nos discursos do governo Bolsonaro. **Agenda Política**: Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, v. 7, n. 3, p. 8-35, 2019. Disponível em: <https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/271>. Acesso em: 12 jun. 2023.

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro Presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos**: CEBRAP, [s. l], v. 38, n. 1, p. 185-213, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/rTCrZ3gHfM5FjHmzd48MLYN/?lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus**: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 583 p. Tradução de: Hildegard Feist.

BIROLI, Flavia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos Machado. **Gênero, Neoconservadorismo e Democracia**: Disputas e Retrocessos na América Latina. São Paulo: Boitempo, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012 (1998).

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. São Paulo: Politeia, 2019.

BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? In: ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo (org.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalistas**: análises conjunturais. Campinas: Editora da Unicamp, 2018. p. 15-66.

CAMPAGNOLO, Ana Caroline. **Feminismo**: perversão e subversão. Campinas: Vide Editorial, 2019.

CHAUÍ, Marilena. Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político. In: BORON, Atilio A. (org.). **Filosofia Política Contemporânea**: controvérsias sobre civilização, império e cidadania. São Paulo: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - Clacso, 2006. Cap. 8. p. 125-144. (Coleção Biblioteca de Ciências Sociais).

CUNHA, Magali do Nascimento. **Fundamentalismos, crise na democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul**: fundamentalismos, crise na democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul. Salvador: Koinonia Presença Eumênica e Serviço, 2020. 62 p. Disponível em: <https://kn.org.br/noticias/fundamentalismo-crise-na-democracia-e-ameaca-aos-direitos-humanos-na-america-do-sul-e-tema-de-pesquisa-publicada-por-koinonia/7837>. Acesso em: 29 set. 2022.

ECONÔMICO, Valor. **Quem é Michelle e qual o papel dela na campanha de Jair Bolsonaro**. 2022. Matheus Schuch e Fabio Murakawa. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/09/23/michelle-e-crucial-par-a-voto-feminino.ghtml>. Acesso em: 11 mar. 2023.

EXTRA. **Bolsonaro cria nova polêmica com os gays**. 2011. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/bolsonaro-cria-nova-polemicahttps://extra.globo.com/noticias/rio/bolsonaro-cria-nova-polemica-com-os-gays-1773552.html-com-os-gays-1773552.html>. Acesso em: 11 jun. 2023.

FARIAS, Marcilene Nascimento de. **Feminismo e religião**: as representações sobre o feminismo na revista *servas do senhor* (1960-2000). 2011. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2011. Cap. 3. Disponível em: <https://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/06/Marcilene-Nascimento-de-Farias.pdf>. Acesso em: 29 set. 2022.

FAUSTINO, André. **Fake News e a liberdade de expressão nas redes sociais na sociedade da informação**. 2018. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito da Sociedade da Informação, Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

G1. **Datafolha**: quantos eleitores de cada candidato usam redes sociais, leem e compartilham notícias sobre política. quantos eleitores de cada candidato usam redes sociais, leem e compartilham notícias sobre política. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/03/dat-afolha-quantos-eleitores-de-cada-candidato-usam-redes-sociais-leem-e-compartilham-noticias-sobre-politica.ghtml>. Acesso em: 11 jun. 2023.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. A condição da mulher no fundamentalismo: reflexões transdisciplinares sobre a relação entre o fundamentalismo religioso e as questões de gênero. **Revista Mandrágora: Gênero, Fundamentalismo e Religião**, São Paulo, n. 14, p. 13-24, 2008. Semestral. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MA/article/view/693>. Acesso em: 30 set. 2022.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Piedade Pervertida: um manifesto antifundamentalista em nome de uma teologia de transformação**. 3. ed. São Paulo: Editora Recria, 2021.

GLOBO, O. '**Menino veste azul e menina veste rosa**', diz Damares Alves em vídeo. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>. Acesso em: 11 mar. 2023.

HOVELER, Rejane Carolina; CARDOSO, João Victor de Oliveira. CONSERVADORISMO, NEOLIBERALISMO E POLÍTICAS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE LATINO-AMERICANA. **Temporalis**, Brasília, v. 22, n. 43, p. 34-52, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/38107>. Acesso em: 13 jun. 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Paulo Afonso de Dias. Religião e Mídias Sociais: (des)territorialização no ciberespaço. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 42, p. 44-61, 2017. Semestral. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/46722>. Acesso em: 30 set. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

PAÍS, El. **Bolsonaro mente ao dizer que Haddad criou 'kit gay'**. 2018. Patrícia Figueiredo. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/politica/1539356381_052616.html. Acesso em: 11 mar. 2023.

PRAZERES, Alexandre de Jesus dos. Fundamentalismo, Bíblia e Relações de Gênero. **Revista Eletrônica Correlatio**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 63-85, 24 set. 2021. [Http://dx.doi.org/10.15603/1677-2644/correlatio.v20n1p63-85](http://dx.doi.org/10.15603/1677-2644/correlatio.v20n1p63-85). Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/1035949/7889>. Acesso em: 30 set. 2022.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SILVA, Eliane Moura da. Fundamentalismo evangélico e questões de gênero: em busca de perguntas. In: SOUZA, Sandra Duarte de. **Gênero e Religião no Brasil: ensaios feministas**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 11-27.

SILVA, Guilherme Carvalho da. **O ciberespaço como categoria geográfica**. 2013. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2013b.

SILVA, Gustavo Vilella. A Violência de Gênero no Brasil e o Gemido das Mulheres Evangélicas. **Discernindo**: Revista Teológica Discente da Metodista, [s. l], v. 1, n. 1, p. 131-142, 31 dez. 2013a. [Http://dx.doi.org/10.15603/2357-7649/discernindo.v1n1p131-142](http://dx.doi.org/10.15603/2357-7649/discernindo.v1n1p131-142). Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/discernindo/article/view/4773/4058>. Acesso em: 30 set. 2022.

SILVA, Joseli Maria (org.). Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Toda Palavra Editora, 2009.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Tradicionalismo católico no ciberespaço: juventude, política e espiritualidade. **Ciências da Religião**: História e Sociedade, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 20-42, 29 out. 2014. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/7479>. Acesso em: 30 set. 2022.

SOUZA, Sandra Duarte de. Revista Mandrágora: gênero e religião nos estudos feministas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, p. 122-130, dez. 2004. [Http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2004000300014](http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2004000300014). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000300014>. Acesso em: 30 set. 2022.

TORREY, Reuben A.. **The fundamentals**: a testimony to the truth. Chicago: Testimony Publishing Company, 1910. 924 p.

UOL. **Professora de história antifeminista processa orientadora por "perseguição"**. 2017. Aline Torres. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/03/31/professora-de-historia-antifeminista-pr-ocessa-orientadora-por-perseguiacao.htm>. Acesso em: 11 mar. 2023.

Fundamentalismo Religioso y Antifeminismo: El movimiento Mujeres con Bolsonaro – (MCB) y su papel en el ciberespacio

Resumen: El fundamentalismo religioso en Brasil como acción politizada crece con la entrada de los evangélicos en la política. Estos han venido manteniendo una postura reaccionaria al debate de género y las políticas públicas dirigidas a las mujeres, comunidad LGBTQIAPN+, negros y pueblos originarios. Bajo la imagen de un gobierno guiado por los valores cristianos y en defensa de la familia tradicional, apareció en 2018 en Facebook el movimiento “Mujeres con Bolsonaro”, oponiéndose a “Mujeres unidas contra Bolsonaro”. Entendemos que los lineamientos antifeministas se basan en el discurso fundamentalista religioso que actúa dócil al cuerpo femenino y le otorga roles de género histórica y culturalmente arraigados por el patriarcado. Para ello, realizamos una revisión bibliográfica con el objetivo de construir una discusión sobre el fundamentalismo religioso y la construcción de roles de género. Entendemos que el ciberespacio ha promovido estas discusiones en Brasil, por lo que utilizamos las redes sociales para el proceso de investigación de los grupos antifeministas en Facebook y sus actividades en las redes. El objetivo de este artículo es exponer estos discursos, en un intento de comprender cómo se produce el control y la dominación del cuerpo femenino por parte de los fundamentalistas.

Palabras Clave: Fundamentalismo religioso; Antifeminismo; Ciberespacio.

Recebido: 31/07/2023

Aceito: 24/05/2024